

As línguas japonesa e portuguesa em duas comunidades nipo-brasileiras: a relação entre os domínios e as gerações

Junko Ota, Luiz Maximiliano Santin Gardenal

Centro de Estudos Japoneses da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –
Universidade de São Paulo (USP)

Av. Prof. Lineu Prestes, 159 – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil - cejap@usp.br

***Abstract.** Having as base the data collected at the First Part of the Research on the Spoken Languages in the Japanese-Brazilian Communities in Brazil in 2003, this article proposes to analyze the use of the Japanese and Portuguese languages spoken by the first, second and third generations of Japanese immigrants in Brazil in different domains – family, job, social and religious meetings. The main differences between generations and other variables are pointed and at last, the two communities located in the same State of São Paulo are compared each other: Aliança at Mirandópolis district and Fukuhaku-mura or Ipelândia at Suzano District, the first far and the second near from the metropolitan area of São Paulo.*

***Keywords.** sociolinguistics; languages in contact; Japanese and Portuguese language; Brazilian-Japanese communities.*

***Resumo.** Tendo como base os dados coletados na primeira fase da Pesquisa sobre as Línguas Faladas nas Comunidades Nikkei do Brasil em 2003, este artigo propõe fazer em uma breve análise sobre o comportamento lingüístico dos imigrantes japoneses de 1ª, 2ª, e 3ª. gerações no Brasil, em diferentes domínios, tais como família, trabalho, reuniões da comunidade ou encontros para atividades religiosas. Serão levadas em consideração as diferenças geracionais e outras variáveis para destacar as tendências de uso de línguas em comunidades paulistas Aliança, em Mirandópolis, e Fukuhaku-mura ou Ipelândia, em Suzano, e em seguida, proceder à comparação de duas comunidades.*

***Palavras-chave.** sociolingüística; línguas em contato; línguas japonesa e portuguesa; comunidades nipo-brasileiras.*

1. Introdução

O presente artigo tem por finalidade apontar alguns dados relevantes sobre o comportamento lingüístico dos falantes de duas comunidades nipo-brasileiras, coletados na ocasião da primeira fase da “Pesquisa sobre as Línguas Faladas nas Comunidades Nikkei do Brasil”. A pesquisa, realizada em conjunto pelos pesquisadores japoneses e brasileiros em 2003, fez parte do Projeto Interface das Humanidades – Programa COE do Século 21, da Universidade de Osaka.

Os dados foram obtidos individualmente em forma de questionários, preenchidos por entrevistador, nas comunidades paulistas de Aliança, município de Mirandópolis, a

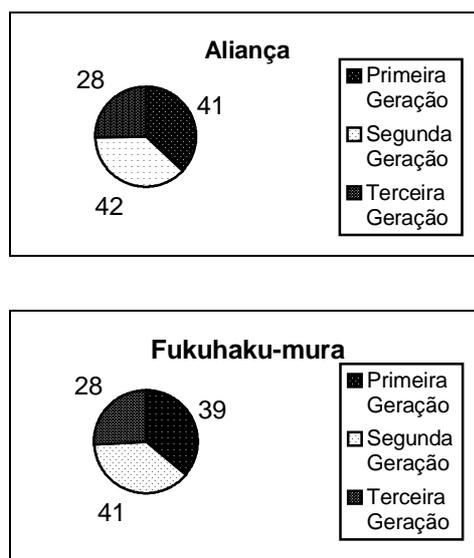
580 km da capital, e de Ipelândia ou Fukuhaku-mura (doravante 'Fukuhaku'), município de Suzano, a 34 km da capital. Através dos dados numéricos coletados, pretende-se apontar as tendências de uso ou não da língua japonesa e/ou portuguesa por parte dos informantes de três gerações em diferentes domínios¹, tais como família, trabalho, reuniões da comunidade ou de atividades religiosas, estabelecendo uma comparação entre as duas comunidades.

2. Classificação dos Informantes quanto à Geração e Nacionalidade

Ao todo, foram entrevistadas 219 pessoas, dentre as quais 111 são moradores da comunidade Aliança, e as outras 108, da comunidade Fukuhaku.

Na comunidade Aliança, os informantes foram divididos de acordo com a geração: 41 pessoas de primeira geração (que nasceram no Japão) – 36,9%; 42 pessoas de segunda geração – 37,8%; e 28 descendentes de terceira geração - 25,2%.

Na comunidade Fukuhaku, os informantes apresentaram-se divididos em 39 japoneses de primeira geração – 36,1%; 41 de segunda geração – 38%; e 28 de terceira geração – 25,9%, conforme mostram os quadros a seguir:



Quanto à nacionalidade, todos os informantes isseis (primeira geração) possuíam nacionalidade japonesa. No entanto, destacam-se, dentre os mesmos, 17,1% (7 informantes) pessoas de Aliança e 7,7% (3 informantes) de Fukuhaku que se naturalizaram brasileiros – o que pode ser atribuído ao fato de 36,6% dos informantes de Aliança e 33,3% dos moradores de Fukuhaku terem vindo para o Brasil a fim de estabelecer residência fixa.

Todos os nisseis (segunda geração) apresentaram nacionalidade brasileira, e dentre os mesmos, 14,3% (6 pessoas) dos informantes de Aliança e 12,2% (5 pessoas) dos informantes de Fukuhaku afirmaram ter dupla nacionalidade. Quanto aos sanseis (terceira geração), 100% (56 pessoas) eram portadores de nacionalidade brasileira.

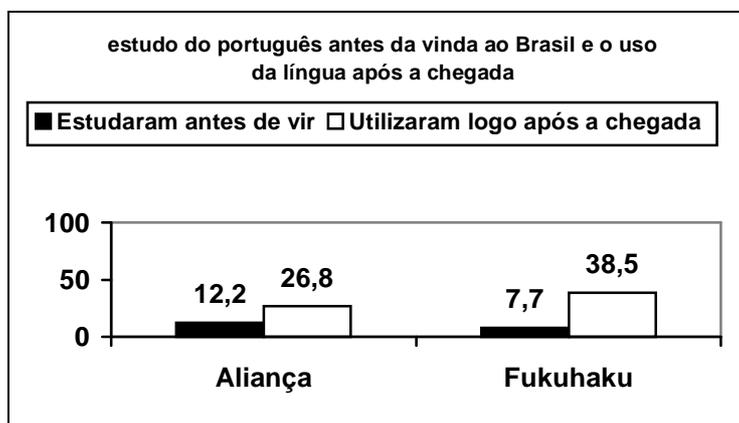
Para este estudo sobre o uso de línguas em diferentes domínios, os informantes serão divididos em dois grupos: de primeira geração (ou de informantes issei) e de segunda e terceira gerações (ou de informantes nissei e sansei, respectivamente).

2.1. Informantes isseis quanto ao contato com as línguas portuguesa e japonesa

Dentre os informantes isseis da comunidade de Aliança, 58,5% dos entrevistados afirmaram ter tido contato com brasileiros logo na chegada ao Brasil, enquanto que 39,4% responderam negativamente (2,4% não lembram). Já em Fukuhaku, 66,7% tiveram contato com brasileiros na chegada ao país, um índice superior ao de Aliança, enquanto que 30,8% não tiveram o mesmo contato (2,6% não lembram).

Imigrantes que tiveram contato com brasileiros logo ao chegarem ao Brasil			
	SIM	NÃO	NÃO LEMBRAM
ALIANÇA	58,5%	39,6%	2,4%
FUKUHAKU	66,7%	30,8%	2,6%

Antes da vinda ao Brasil, 12,2% dos informantes isseis de Aliança afirmaram ter estudado a língua portuguesa e 26,8% disseram tê-lo usado logo na chegada ao país. Em Fukuhaku, porém, apesar de menos informantes o terem estudado antes de imigrar para o Brasil - 7,7% , mais pessoas o utilizaram na chegada - 38,5%, como mostra o quadro a seguir:

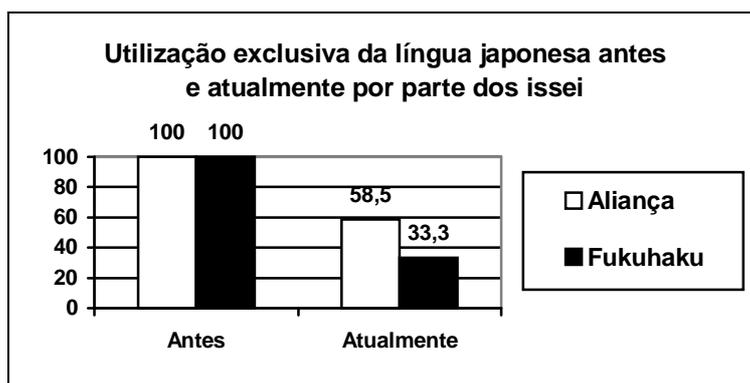


Os dados mostram que os de Fukuhaku, apesar de menos preparados em comparação aos de Aliança, tiveram que falar mais o português desde o início da imigração. Supõe-se que, diferentemente da Aliança, a proximidade à capital da comunidade Fukuhaku propiciou aos informantes maior contato com os falantes de português.

2.2. Issei e sua utilização das línguas dentro do contexto familiar

Em ambas as comunidades, a maioria dos informantes issei mora juntamente com cônjuge, filhos ou outros familiares.

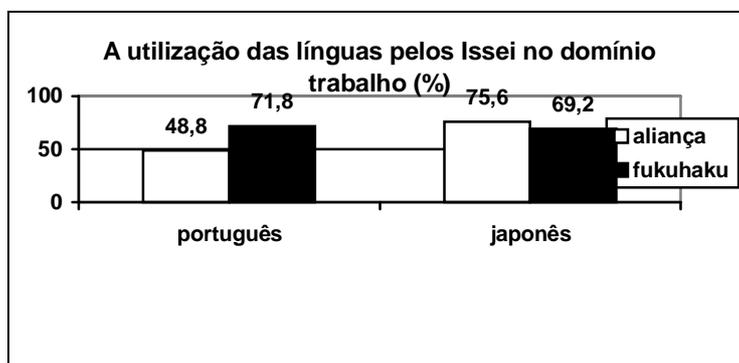
Observa-se então um ponto interessante com relação à utilização da língua quando estão todos juntos no jantar, por exemplo. Considerando que os issei, logo após a vinda do Japão, falavam somente japonês em casa, salvo quando eram muito pequenos ou crianças, já em 2003, 58,5% dos informantes issei da Aliança e 33,3% da Fukuhaku afirmaram utilizar somente a língua japonesa.



Observa-se que a porcentagem restante da fala atual no ambiente familiar é preenchida na maior parte por “uso predominante de japonês” – 7,3% e 30,8% na Aliança e Fukuhaku, respectivamente, e “uso de português e japonês, ‘meio-a-meio’”, 19,5% e 23,1%, ainda na Aliança e Fukuhaku. Acredita-se que o convívio com as outras gerações que falam predominantemente o português fez com que a fala exclusiva em japonês, da chegada ao Brasil, modificasse sua forma ao longo dos anos, adequando-se para o novo contexto. Essa adequação se acentua um pouco mais na Fukuhaku do que na Aliança.

2.3. Issei e sua utilização das línguas no trabalho

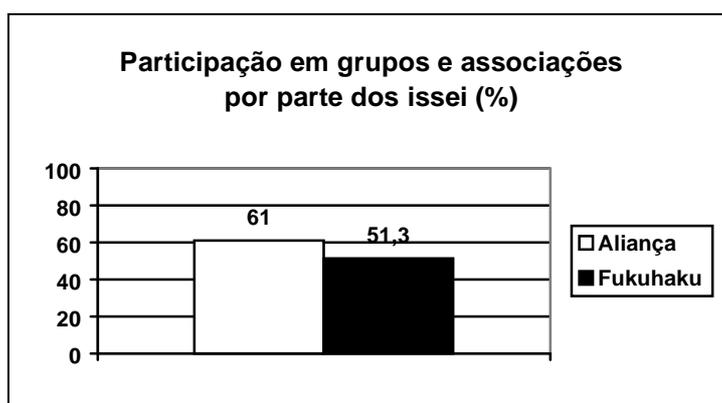
Quanto ao uso de língua japonesa no domínio do trabalho, 75,6% dos issei da Aliança e 69,2% dos de Fukuhaku afirmaram fazê-lo, enquanto 48,8% dos informantes de Aliança e 71,8% dos de Fukuhaku declararam utilizar a língua portuguesa, evidenciando o uso maior de português entre os issei de Fukuhaku. Nota-se aqui que a somatória de números [Japonês + Português] ultrapassa os 100%, o que significa que o uso de duas línguas se sobrepõe em suas realizações.



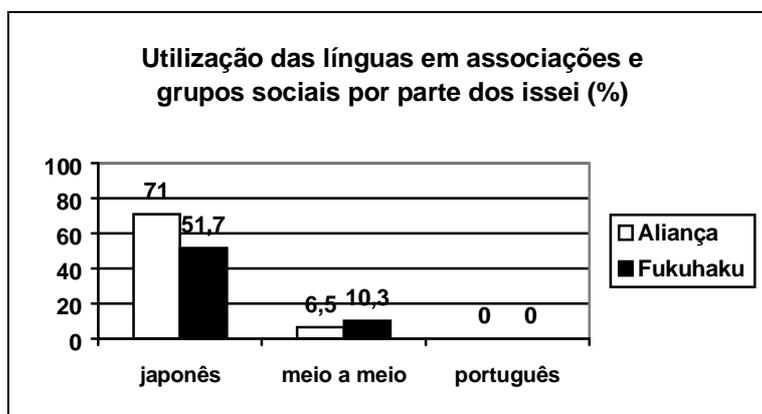
2.4. Issei e sua Utilização de Línguas nas Associações Locais

Como forma de manter a união dentro da Comunidade e também de preservar as suas raízes e cultura, os japoneses costumam se reunir e constituem grupos e associações, como a Associação de Jovens (Seinenkai), Associação das Senhoras (Fujinkai) e também dos Idosos (Roujinkai), entre outros. Primeiramente, questionou-se aos informantes a participação nesses grupos e associações e em seguida, a escolha lingüística, dentro do contexto de tais associações.

Observou-se então que 61% dos informantes issei de Aliança participavam de alguma forma de associação e/ou grupo, contra 51,3% dos imigrantes de Fukuhaku:



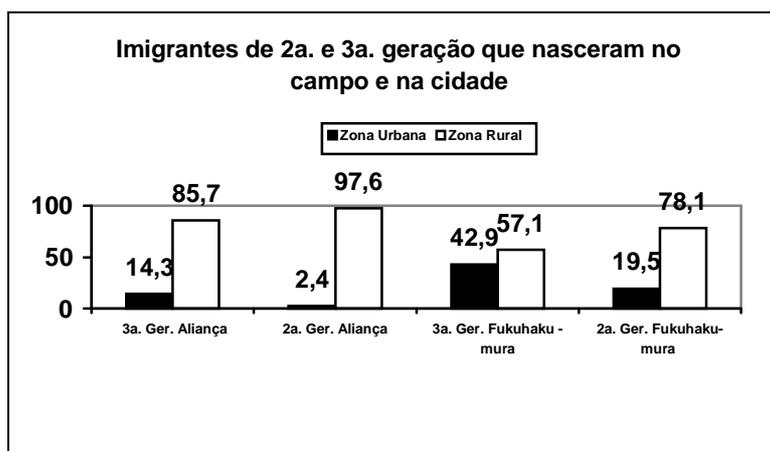
Dos informantes issei que afirmaram participar de algum grupo ou associação dentro da comunidade, verificou-se que a utilização da língua japonesa continua prevalecendo (Aliança - 71%, Fukuhaku - 51,7%), ficando em segundo lugar o uso da mistura de duas línguas (Aliança - 6,5%, Fukuhaku - 10,3%). Não houve nenhum informante que afirmasse utilizar somente a língua portuguesa, o que de certa forma atesta que a língua predominante entre os seus colegas do grupo/associação, continua sendo a japonesa, possivelmente língua materna, ainda que misturando o português.



3. Os Informantes Nissei e Sansei

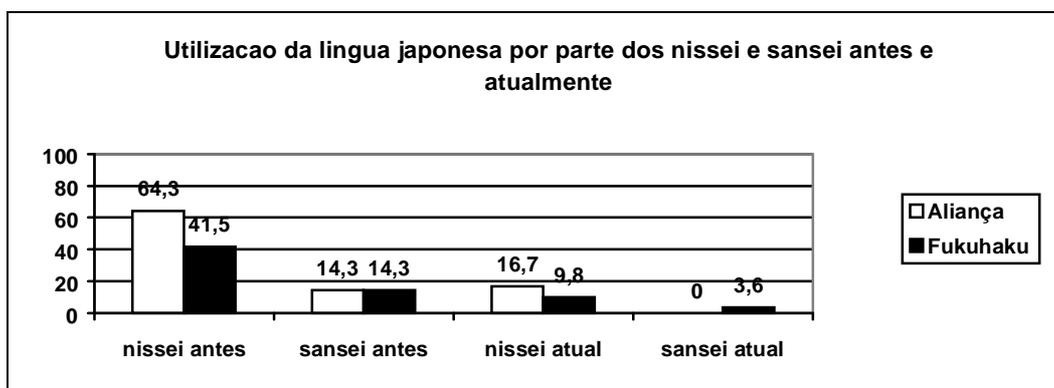
3.1. Nissei e sansei e seu local de nascimento

Dentre os nisseis e sanseis entrevistados, a maioria dos informantes de Aliança como de Fukuhaku nasceu na zona rural, contra uma minoria nascida nas zonas urbanas. No entanto, observa-se que, dentre os informantes sansei de Fukuhaku, 42,9% declararam ter nascido em zona urbana, contra apenas 14,3% dos informantes de Aliança, de onde se pode depreender que a nova geração de Fukuhaku está mais próxima da zona urbana que outras gerações, ou, em outras palavras, encontra-se na zona atualmente mais urbanizada que antes.



3.2. A Utilização das Línguas dentro do Contexto Familiar entre os nissei e sansei

Com relação ao uso da língua japonesa dentro de casa, 64,3% dos informantes nisseis de Aliança e 41,5% dos de Fukuhaku utilizavam o japonês ainda quando crianças, contra apenas 14,3% dos sansei de ambas as comunidades. Pode-se depreender, a partir desses dados, que o ambiente familiar dos nisseis, quando crianças, ainda trazia muito do universo lingüístico de seus pais, oriundos do Japão, o que não se repete no estágio atual e, da mesma maneira, não se reproduz no ambiente familiar dos sanseis.

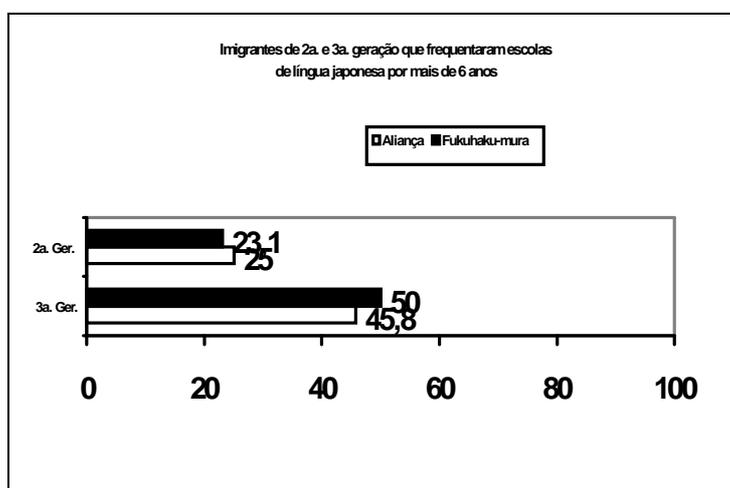


No caso dos nisseis, a utilização de língua japonesa ao longo da sua vida sofreu um decréscimo, a ponto de chegar a um quarto do que se falava na sua infância, em ambas as comunidades. Vários fatores podem ter contribuído para a tal mudança no uso

da língua dos nisseis: a repressão ao ensino de línguas estrangeiras na década dos 40, que dificultou a aprendizagem de alunos em idade escolar; a maior inserção na sociedade brasileira, o que propicia e ao mesmo tempo demanda o uso de língua portuguesa, entre outros. É natural, portanto, que os sanseis de hoje tenham tido no seu ambiente familiar pouco uso de língua japonesa, comparável ao uso atual de japonês por parte dos nisseis.

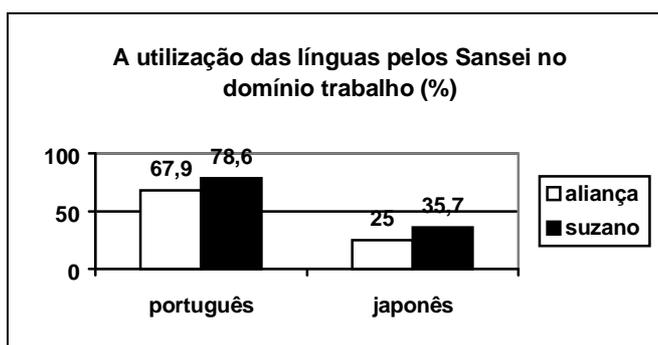
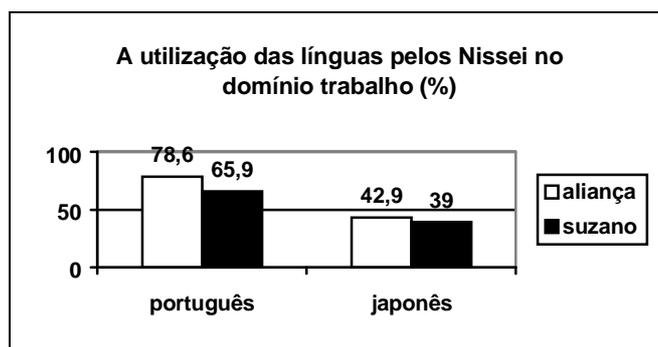
Comparando as duas comunidades, é interessante observar que o uso da língua japonesa entre os nisseis tem sido e ainda é maior na comunidade Aliança, porém, os sanseis da Fukuhaku declararam utilizar mais a língua japonesa, ainda que em número menor.

A constatação de estarem cada vez mais se distanciando da língua de seus ancestrais pode ser considerado como um fator motivador para que hoje os descendentes freqüentem as escolas de língua japonesa. Esse aumento pode ser facilmente notado da segunda para a terceira geração. Dentre os informantes sanseis, chegam a ser 45,8% os informantes de Aliança e 50% os de Fukuhaku que freqüentaram a escola de língua japonesa por mais de 6 anos.



3.3. A Utilização das línguas no trabalho

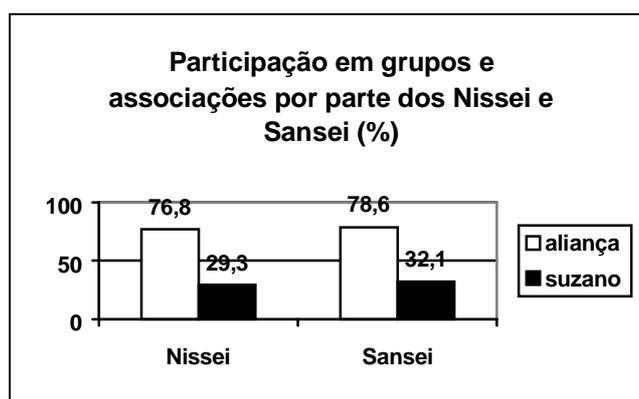
Com relação ao uso das línguas no domínio do trabalho, observa-se que a queda do uso da língua japonesa da segunda para a terceira geração é grande em ambas as comunidades. No entanto, nota-se também um detalhe interessante, cuja causa não foi possível detectar através das entrevistas. Os informantes sanseis de Aliança afirmaram utilizar menos a língua portuguesa do que os nisseis, característica essa que se apresenta completamente oposta às expectativas. Esses dados, porém, podem estar ligados à forma como foram feitas as entrevistas, e portanto não serão aprofundados no presente artigo.



3.4. A utilização das línguas dentro dos grupos e associações locais

A formação de grupos e associações locais é considerada muito importante no que diz respeito à administração da comunidade local, associada também às atividades de lazer, ligadas ao mesmo tempo à preservação da cultura e dos costumes japoneses.

Dentro dos dados numéricos apresentados, pode-se afirmar que os informantes nisseis e sanseis da comunidade Aliança apresentam um maior interesse em participar de associações locais do que os da comunidade Fukuhaku.



Tomando o universo dos que participam dos grupos locais, ainda que com a diferença considerável entre as comunidades, a utilização das línguas dentro desses encontros na comunidade apresenta a mesma tendência: um pouco menos de um terço dos nisseis falam em japonês (Aliança - 30,8%; Fukuhaku - 28,6%) e nenhum informante sansei de duas comunidades fala em japonês. No entanto, afirmam utilizar as línguas

japonesa e portuguesa, “meio-a-meio”, cuja especificação não foi apontada no questionário.

A UTILIZAÇÃO DAS LÍNGUAS EM ASSOCIAÇÕES E GRUPOS SOCIAIS POR PARTE DOS NISSEI E SANSEI (%)			
	JAPONÊS	MEIO-A-MEIO	PORTUGUÊS
NISSEI ALIANÇA	30,8%	23,1%	5,1%
SANSEI ALIANÇA	0	27,6%	24,1%
NISSEI FUKUHAKU	28,6%	28,6%	0
SANSEI FUKUHAKU	0	10%	20%

4. Considerações finais dos dados apresentados

Dentro dos dados apresentados concernentes a duas comunidades pesquisadas na primeira fase da Pesquisa, alguns pontos podem ser destacados:

- os informantes isseis têm uma preferência pelo uso da língua japonesa, usada predominantemente no ambiente familiar e social da comunidade, ainda que sua fala em japonês tenha a mistura do português;
- os nisseis tiveram uma queda no uso de língua japonesa ao longo da sua vida, o que reflete sensivelmente no universo lingüístico familiar dos sanseis, que por sua vez usa ainda menos a língua japonesa do que os da geração anterior;
- diferentemente dos nisseis que tiveram circunstâncias difíceis no período de aprendizagem de japonês, os sanseis frequentaram mais a escola japonesa;
- na comparação de duas comunidades, percebe-se que na Aliança o uso de língua japonesa é maior, assim como o envolvimento com as atividades locais, refletindo possivelmente a posição geográfica com relação à capital.

O trabalho ainda merece análises e reflexões mais profundas, que serão reservadas para futuras oportunidades.

ⁱ O conceito de “domínio” empregado aqui se baseia na definição de Fishman (1972), que explica como “a higher order generalization from congruent situations (i.e. from situations in which individual interact in appropriate role relationships with each other, in the appropriate locals for the role relationships, and discuss topics appropriate to their role relationship)”.

Referências bibliográficas

- FUKUHAKU-MURA SONKAI. Fukuhaku-mura ou Ipelândia: histórico e localização. Disponível em: <http://www.100nen.com.br/ja/fukuhaku/> Acesso em 30.08.2005.
- DOI, Elza Taeko. A presença japonesa no Brasil: a língua japonesa falada pela comunidade nipo-brasileira. *Letterature D’America*. Roma, anno XXII, no. 93-94, 2002, p. 19-36.

-
- FISHMAN, Joshua. *Sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, Newbury House. 250 p.
- KUDO, Mayumi & TSUDA, Aoi (org.) 5. *Gengo no sesshokuto konkoo – Nikkei Burajirujinno Gengono Shosoo* “Language Contact and Admixture – Sociolinguistic Perspectives on Brazilian Nikkey” Osaka University The 21st Century COE Program Interface Humanities Research Activities 2002/2003. Osaka University, Osaka, 2003.
- KUDO, Mayumi. Burajiru Nikkei Shakai Gengo Chôsa Hôkoku “Relatório de Pesquisas Lingüísticas da Comunidade Japonesa no Brasil” In: *Memoir of the Graduate School of Letters*. Osaka University. Vol. XLIV-II. Osaka University, Osaka, 2004.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. *Uma epopéia moderna – 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1982.